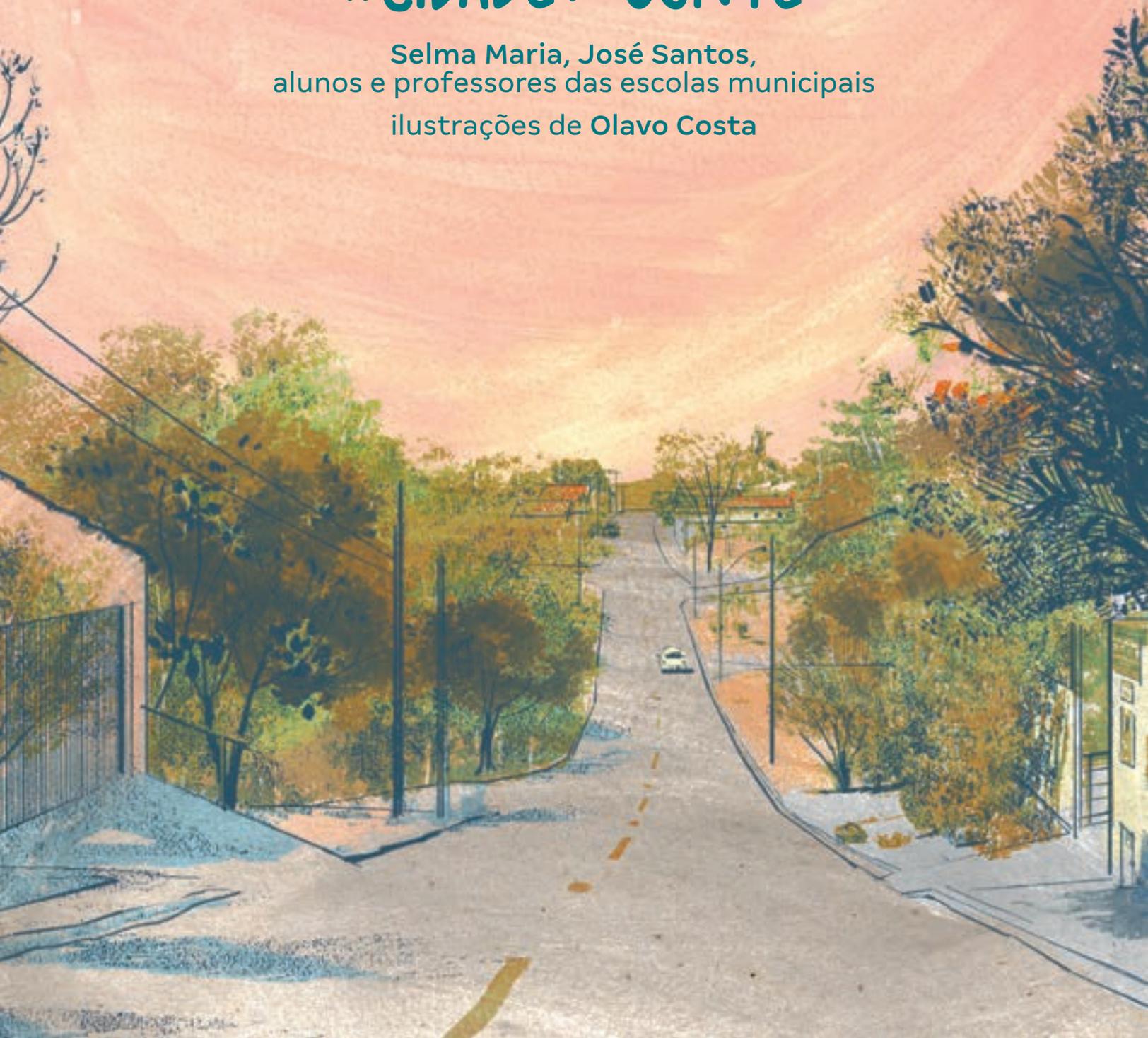


CRIXÁS

A CIDADE DA GENTE

Selma Maria, José Santos,
alunos e professores das escolas municipais
ilustrações de Olavo Costa



A coleção A CIDADE DA GENTE já passou por várias cidades brasileiras, de norte a sul, e chega agora a Crixás, nesse livro muito especial. Para produzi-lo, estudantes e professores das escolas municipais investigaram e criaram textos sobre os patrimônios materiais, imateriais e ambientais da cidade e a relação cotidiana da população com essas riquezas.

Além de promover a leitura e a escrita, e contribuir para que as crianças e adolescentes conheçam e valorizem o lugar onde vivem, os livros da coleção se tornam importantes referências de conhecimento sobre as cidades retratadas e ferramentas perenes para abordar, nas salas de aula, os temas locais a partir do olhar da comunidade escolar. Por tudo isso, o projeto A CIDADE DA GENTE recebeu, inclusive, um importante prêmio: o Retratos da Leitura, do Instituto Pró-Livro - 2019.



Acesse
para ouvir a
audiodescrição
do livro

CRIXÁS

A CIDADE DA GENTE

Selma Maria, José Santos,
alunos e professores das escolas municipais
ilustrações de Olavo Costa



OLHARES

São Paulo 2022



Uma marca no futuro, uma contribuição para as próximas gerações. Para nós da AngloGold Ashanti, empresa com quase dois séculos de operação, é incessante o trabalho de projetar o legado que deixaremos para os moradores que nos hospedam em suas cidades.

Hoje, somos uma das empresas com maior longevidade do Brasil, e uma das maiores produtoras de ouro do país e do mundo. Toda essa trajetória é fruto de um trabalho voltado para a inovação, a segurança e as práticas sustentáveis. Afinal, não é possível crescer sem fazer nossa comunidade evoluir junto.

Desde a sede, em Johannesburgo, na África do Sul, passando pelos dez países onde atuamos, até as sete cidades de operação no Brasil, em Minas Gerais e Goiás, somos comprometidos com o desenvolvimento social. Fomentamos empreendedorismo, arte, cultura, esporte e educação.

Sabemos que o vínculo sociocultural entre a empresa e as comunidades é sempre muito forte, com a história de uma se unindo à da outra. Podemos ver isso de diferentes formas, e o livro A Cidade da Gente, que patrocinamos via Lei Federal de Incentivo à Cultura, nos brinda com várias expressões dessa relação.

É maravilhoso observar o olhar dos estudantes capturando a história e a forma com que reconhecem os ativos da cidade, bem como seus patrimônios e relações cotidianas. Com este projeto, temos uma pequena amostra do legado que estamos deixando em Crixás.

AngloGold Ashanti

Com muita alegria, nós, da Secretaria Municipal de Educação (SME) de Crixás-GO, apresentamos o livro *Crixás — A cidade da gente*, sobre os patrimônios materiais e imateriais de nossa querida cidade.

Recebemos o convite para desenvolver este projeto — que no futuro se tornaria o livro — em junho de 2021. Em meio às incertezas do período pandêmico, no qual as aulas aconteciam remotamente, aceitamos o desafio. O início foi bem difícil, diga-se de passagem, haja vista as dificuldades impostas pela distância e pelo contato on-line, que exigiram de nós uma maior flexibilidade pedagógica e uma postura mais compreensível e coerente com o momento atípico.

Os/as professores/as, como de costume, empenharam-se para o andamento e a culminância do projeto. Engajaram-se por meio de pesquisas, entrevistas, reuniões, leituras etc., bem como orientaram os/as alunos/as durante todo o processo de construção do livro.

Podemos definir o percurso trilhado como uma experiência desafiadora, um projeto que contribuiu muito para o crescimento pessoal e profissional de todos/as os/as envolvidos/as. Os/as alunos/as tiveram a oportunidade de conhecer melhor a história da cidade onde residem, de ter contato com a pesquisa científica, de desenvolver textos de diferentes gêneros e de conhecer personalidades históricas da cidade, patrimônio vivo da cultura de Crixás-GO.

O resultado é este livro lindo e emocionante para quem ama a cidade como nós. E o melhor, ele poderá ser utilizado em nossa rede pública de ensino ao longo dos anos, dando oportunidade para que gerações futuras estudem e conheçam as riquezas da cidade a partir do ponto de vista de estudantes, em um livro de linguagem acessível e prazerosa.

Boa leitura a todos/as!

Secretaria Municipal de Educação de Crixás-GO



SUMÁRIO

10	POVOAMENTO DA CIDADE
16	CASARIO
22	IGREJA MATRIZ
30	FESTAS
36	EXPRESSÕES ARTÍSTICAS
42	NOSSA GENTE
46	CULINÁRIA DO CERRADO
54	FEIRA DOS PRODUTORES RURAIS
62	BERRANTE
68	CERRADO





Crixás tem atualmente 16 mil moradores e está a 315 quilômetros da capital do estado, Goiânia. Sua fundação está ligada às descobertas dos garimpos de ouro no Brasil no século XVIII.

Localizada na microrregião de São Miguel do Araguaia, Crixás, além de ser conhecida pela presença e pela extração do ouro, é a primeira do estado e segunda do país em exploração desse metal. É também uma das maiores regiões de criação e concentração de rebanho bovino no mundo. A cidade é cercada de verde, e ficou famosa como capital nacional do pequi, fruta típica do cerrado brasileiro usada tanto na culinária quanto na medicina popular.

Neste livro, você vai encontrar várias pessoas crixenses de várias gerações. Elas deixam Crixás cheia de novos e antigos coloridos que nutrem com carinho sua história. Algumas fazem doce, outras preparam deliciosos pratos salgados; umas gostam de festas, outras preferem dedicar a vida a escrever sobre a cidade ou a transformar o que sentem em arte, música, poesia.

E foi com muita poesia das crianças e dos jovens estudantes que este livro foi feito dentro de três escolas municipais — Adalberto Francisca dos Santos, Izabel Miranda e Professora Delmira Machado —, junto com as professoras e os professores e animadas pela equipe da Secretaria Municipal de Educação.

Sentir o calor daqui, deste encantador pedaço do cerrado brasileiro, é o convite que fazemos a você, leitor, que se encanta por memórias e patrimônios materiais, imaterial e naturais, traços que identificam um povo e sua cultura.

Para toda gente, boa leitura!

O POVOAMENTO DA CIDADE

Os alunos da professora Wéllyka, da Escola Adalberto Francisca dos Santos, fizeram uma pesquisa sobre como começou o povoamento de Crixás, antes mesmo da chegada de povos de outros lugares, e descobriram que os primeiros moradores foram os indígenas Kirirás ou Kuruchás, palavras que, traduzidas do tupi, originam o nome da cidade de Crixás!

Conceição mais tarde Crixás
Rios Crixás-açu e Crixás-mirim
Índios Kirirás ou Kuruchás,
Xavier colégio há mais de quinze anos
A colonização de Crixás
Senhora da Conceição.
Acróstico criado pelos alunos do 7º ano



Esse povo originário vivia às margens do rio Vermelho, entre os primeiros seres vivos do lugar, ou seja, as plantas e os bichos do Cerrado que também aparecem neste livro.

Na Casa de Cultura de Crixás, o Casario, podemos ver algumas belas peças feitas pelo povo Kirirás que foram preservadas pelos antigos moradores da cidade.

Os alunos fizeram visita ao Casario, esse belo espaço cultural, para ver de pertinho os objetos que contam sobre muitos acontecimentos da cidade onde vivem. Como os potes e os utensílios de cozinha kirirás, feitos de cerâmica, que são um patrimônio material sobre a origem de Crixás.

A exploração das riquezas naturais brasileiras, feita pelos portugueses no Brasil durante o longo período colonizador, ocasionou muitas mudanças na vida dos povos que aqui já moravam. Com tantas invasões e violência contra eles, também os Kirirás tiveram que sair de Crixás.

Bartolomeu Bueno da Silva foi o primeiro português a chegar em terras goianas em 1722. Poucos anos depois, foi a vez de Manoel Rodrigues Tomás iniciar, em 1726, a exploração na região de Crixás, que até hoje é tão rica em ouro.



Na época, não havia ainda a internet para espalhar notícia, mas mesmo assim a informação sobre a existência desse metal dourado se espalhou, e houve um rápido aumento da população. Assim, em 1734, a Vila Nossa Senhora da Conceição se formou.

Os estudantes do nosso projeto aprenderam muito dessa história. Primeiro era um arraial, depois se tornou paróquia e permaneceu assim por quase dois séculos. Ainda foi sede da vila de Pilar de Goiás, para em 1953 tornar-se município, a cidade da gente crixense.

E com geólogo e tudo! O primeiro que chegou em Crixás foi o alemão Albrecht Pedro Dietz, que descobriu as famosas minas de ouro Chapéu do Sol e Venâncio.

Até hoje a mineração é uma atividade muito importante para a economia local, principalmente a extração de ouro.

E para completar a história do povoamento de Crixás, perto do ano de 1980 chegaram por aqui muitas pessoas das regiões Nordeste e Norte do Brasil, enriquecendo ainda mais a cultura da nossa cidade.



CASARIO / ESPAÇO CULTURAL URSULINO TAVARES LEÃO

Casario onde você tem
Alegria, amor e onde
Suas preocupações ficam para trás.
A alegria prospera com os
Rios cristalinos e objetos
Incríveis com vários anos de história
O casario é bonito e maravilhoso.
Criação coletiva, 7º ano
Escola Izabel Miranda

Essa casa se mantém, há muitos anos, na missão de transbordar conhecimento e alegria para o povo crixiaense. Um lugar amplo, mas que era ainda maior, com outras casas que formavam um centro histórico. O Casario representa um tempo em que a cidade era habitada por construções diferentes das de hoje em dia. Elas eram feitas com técnicas comuns na época e planejadas para famílias com muitos filhos. E mesmo quando seus donos eram as famílias mais ricas da cidade, como no caso do Casario, não tinham as facilidades atuais, como luz elétrica e água encanada.

Ursulino Leão, escritor crixiaense e que foi vice-governador do estado, dá nome a essa casa muito bonita, que tem vários salões e um convidativo jardim com uma fonte que nos leva a admirar seu interior com olhos no presente e também no passado, pensando em tantas festas que aconteciam ali.

O Casario já teve salas temáticas onde aconteciam as danças de tambor, de cateretê, danças das famílias dos festeiros fazendeiros, a sala de São Benedito, cozinha onde se assavam quitandas e onde se saboreava comidas típicas daqui durante festejos como a Maria Zabé, feijoada, tutu de feijão, feijão-tropeiro, guariroba com costelinha de porco, quibebe, frango ensopado, fió, mãe benta...



Nos salões e no jardim aconteciam, por exemplo, as festas da padroeira da cidade, Nossa Senhora da Conceição, festa de São Benedito, festa do Divino, folias com muita dança, música, poesia, comidas e alegria.

Os alunos da professora Íris foram até o Casario para conhecer melhor a cultura e a história de Crixás.

Aprenderam que o Casario foi construído por volta de 1750 e a obra de restauro foi conduzida pela Casa Brasil, instituição cultural sediada em Goiânia que elaborou o projeto e articulou a participação das pessoas da nossa cidade.

As crianças também fizeram uma entrevista e aqui trazemos um trecho dela:



Qual é o nome da proponente do projeto que deu origem ao Espaço Cultural? E sua formação?

Anália Dias Souto. História e Geografia; estudos adicionais em Psicologia; estudo de textos e didática. Pós em doença universitária.

Onde foram encontrados os casarões na cidade de Crixás? Em qual endereço?

Rua Ricardo Neves, n. 45, Centro.

A quem pertencia esses casarões? Qual era o nome do prefeito na época?

À Prefeitura Municipal de Crixás. Dr. Olímpio César Almeida Araújo.

Qual é o nome da Casa Cultural de Crixás?

Espaço Cultural Ursulino Tavares Leão.

Por quem foi direcionada a restauração da Casa de Cultura? Em que ano?

Casa de Cultura de Goiânia, engenheiro responsável Volnei Unis. No dia 10 de outubro de 2012.

Como o Casario é muito antigo, uma das atividades desenvolvidas foi a de os estudantes construírem um poema com rimas a partir da palavra ANTIGA. O poema ficou bem engraçado e trouxe a musicalidade que sempre esteve tão presente nessa casa muito festeira, com cantigas, comidas e folias.

Casario

O que é, o que é?
Ela é uma casa bem antiga
onde toca até uma cantiga,
Lá não tem nenhuma mandinga.

Mas tem uma quentinha canjica,
e também uma bananeira amiga
que só não abriga intriga.

E quem vai comer a última banana
que vai para a barriga?

Criação coletiva, 7º ano

Escola Adalberto Francisca dos Santos

Após a queda do casario original, a folia e as cavalhadas ficaram paradas durante anos, mas um grupo de famílias conseguiu resgatar essas manifestações de Crixás para manter viva a cultura da cidade. Levantar essas bandeiras e deixá-las vivas hoje e sempre é muito importante para que as novas gerações crixenses conheçam e deem valor ao patrimônio material e imaterial do qual fazem parte a Folia e a Cavalhada, que sempre envolveram toda a população para celebrar a vida com alegria e poesia. Viva a Cavalhada e a Folia!

IGREJA MATRIZ

As professoras Luzia Joaquina e Rosilane, da Escola Professora Delmira Machado, levaram os alunos para conhecer a história da Igreja Matriz, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, que é a padroeira da nossa cidade.

Lá, os alunos entrevistaram o padre José Modesto Arriel e descobriram, entre tantas informações, que o sino fundido em 1783 já não balança no alto da torre, mas fica quietinho exposto dentro da casa paroquial. E que os santos do altar também são bem antigos, e foram esculpidos em madeira por um artista goiano há mais de 150 anos.

Os estudantes fizeram vários relatos sobre essa visita e nas escritas deu para perceber que eles se encantaram com a beleza da igreja! Vejam só quanta coisa eles aprenderam com as imagens que viram e as histórias que ouviram:

A Igreja Matriz, localizada na praça Nossa Senhora da Conceição, teve sua construção iniciada no fim do século XIX, em 1898, e no ano de 1913 permitiu, embora não terminada, que fosse celebrada sua primeira missa. Substituiu a Igreja Matriz da cidade, construída em 1809.

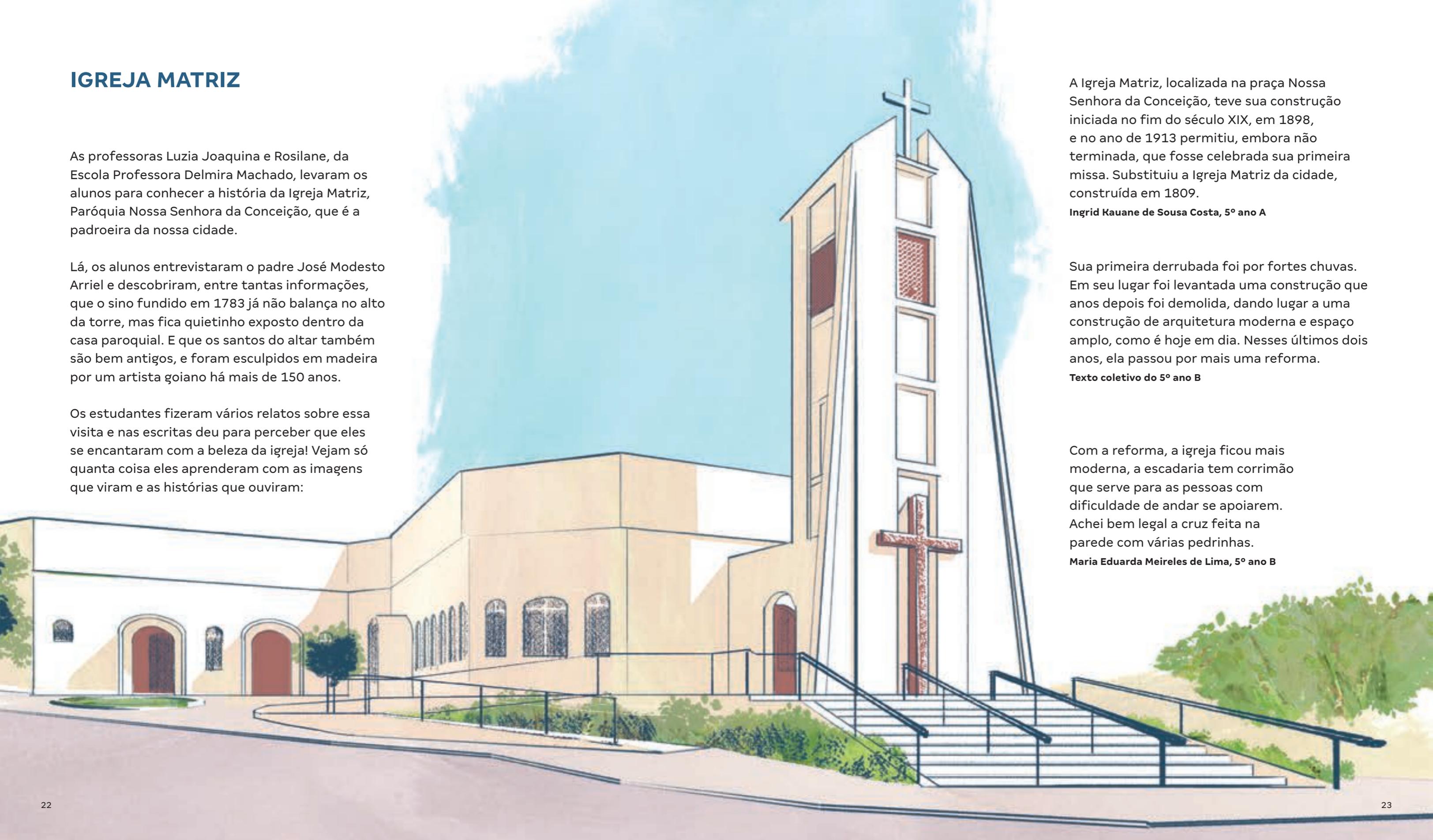
Ingrid Kauane de Sousa Costa, 5º ano A

Sua primeira derrubada foi por fortes chuvas. Em seu lugar foi levantada uma construção que anos depois foi demolida, dando lugar a uma construção de arquitetura moderna e espaço amplo, como é hoje em dia. Nesses últimos dois anos, ela passou por mais uma reforma.

Texto coletivo do 5º ano B

Com a reforma, a igreja ficou mais moderna, a escadaria tem corrimão que serve para as pessoas com dificuldade de andar se apoiarem. Achei bem legal a cruz feita na parede com várias pedrinhas.

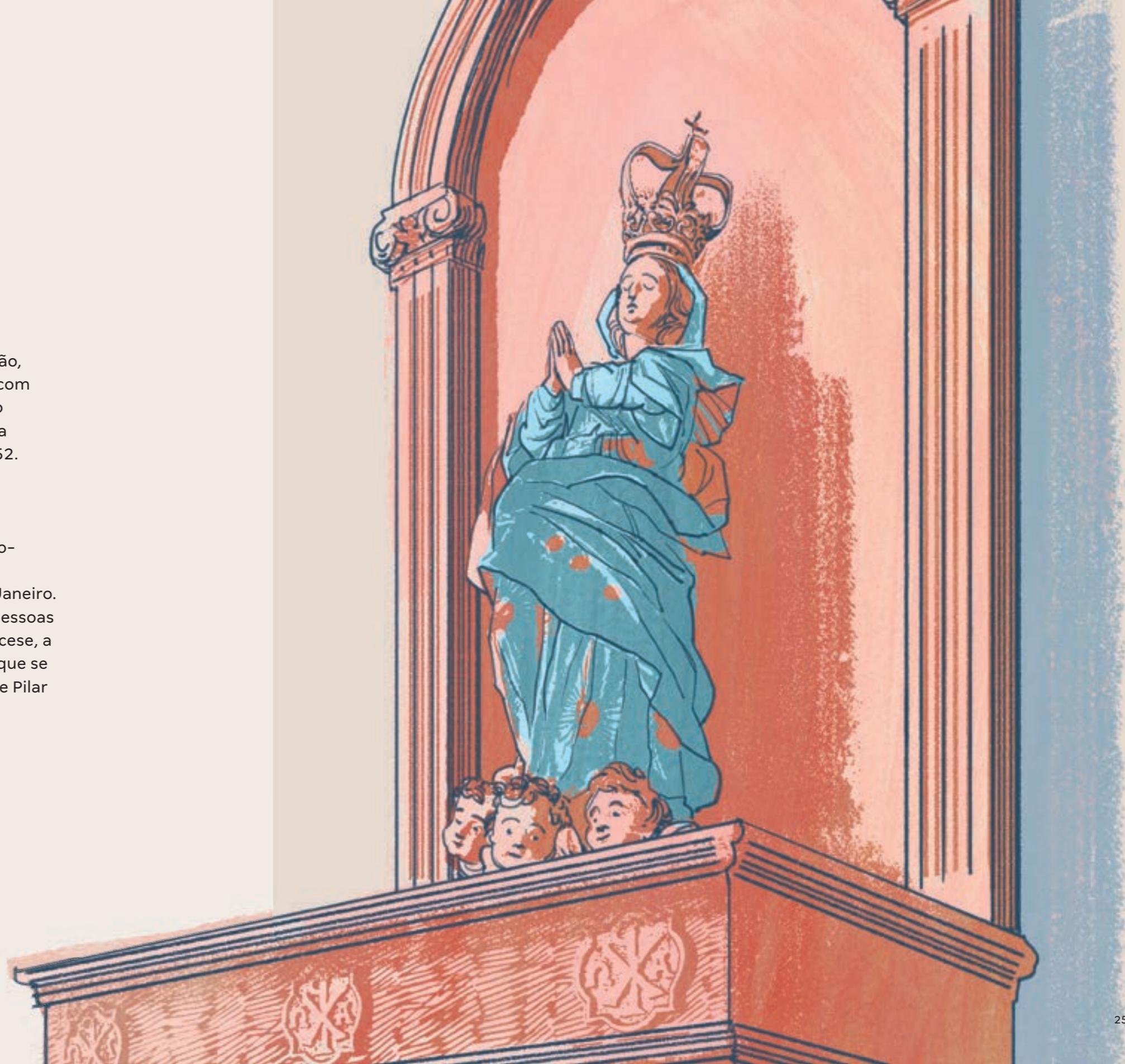
Maria Eduarda Meireles de Lima, 5º ano B



A Igreja Matriz é uma igreja muito conhecida. A escultura mais valiosa da paróquia de Crixás é a de Nossa Senhora da Conceição, em pura madeira esculpida. A sua coroa imita a prata, e junto com essa obra de arte há outras como a de São Benedito e a de São Sebastião. Essas três esculturas foram feitas pelo artista Veiga Valle, um escultor famoso da época, nascido em Goiás, em 1852.

A diocese de Goiás é a mais antiga da região Centro-Oeste. Ela já tem mais de quatrocentos anos e foi fundada quando se separou da diocese do Rio de Janeiro. Essa distância vai diminuindo à medida que mais pessoas passam a morar em Goiás. Foi aí que se criou a diocese, a qual se divide em pequenas parcelas de território que se chamam paróquias. Crixás pertenceu à paróquia de Pilar de Goiás, até que se criou a paróquia de Crixás.

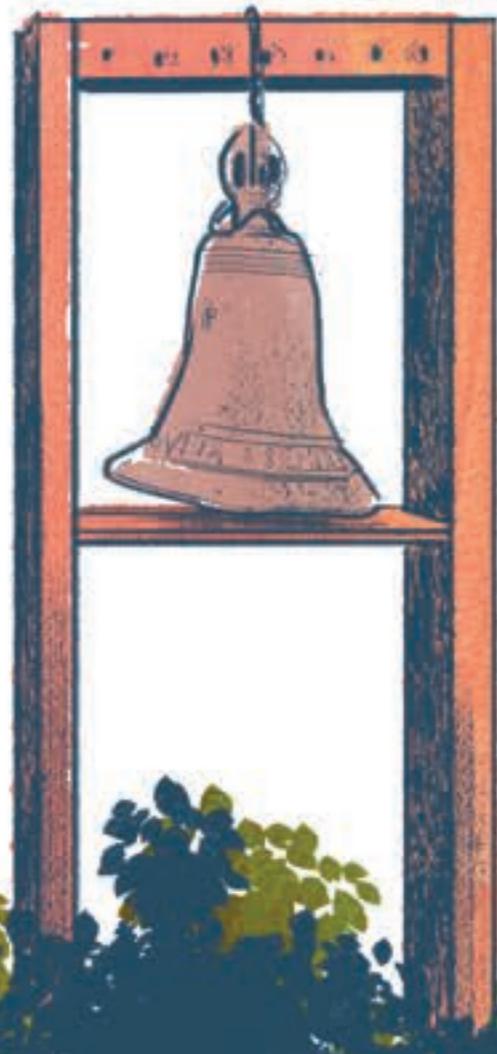
Nicolly Alves de Camargo Bueno, 5º ano A



Toda igreja tem um sino com um nome para representar algum santo. O sino da Igreja Matriz foi nomeado de "Viva Nossa Senhora da Abadia" e foi fundido no ano de 1783.

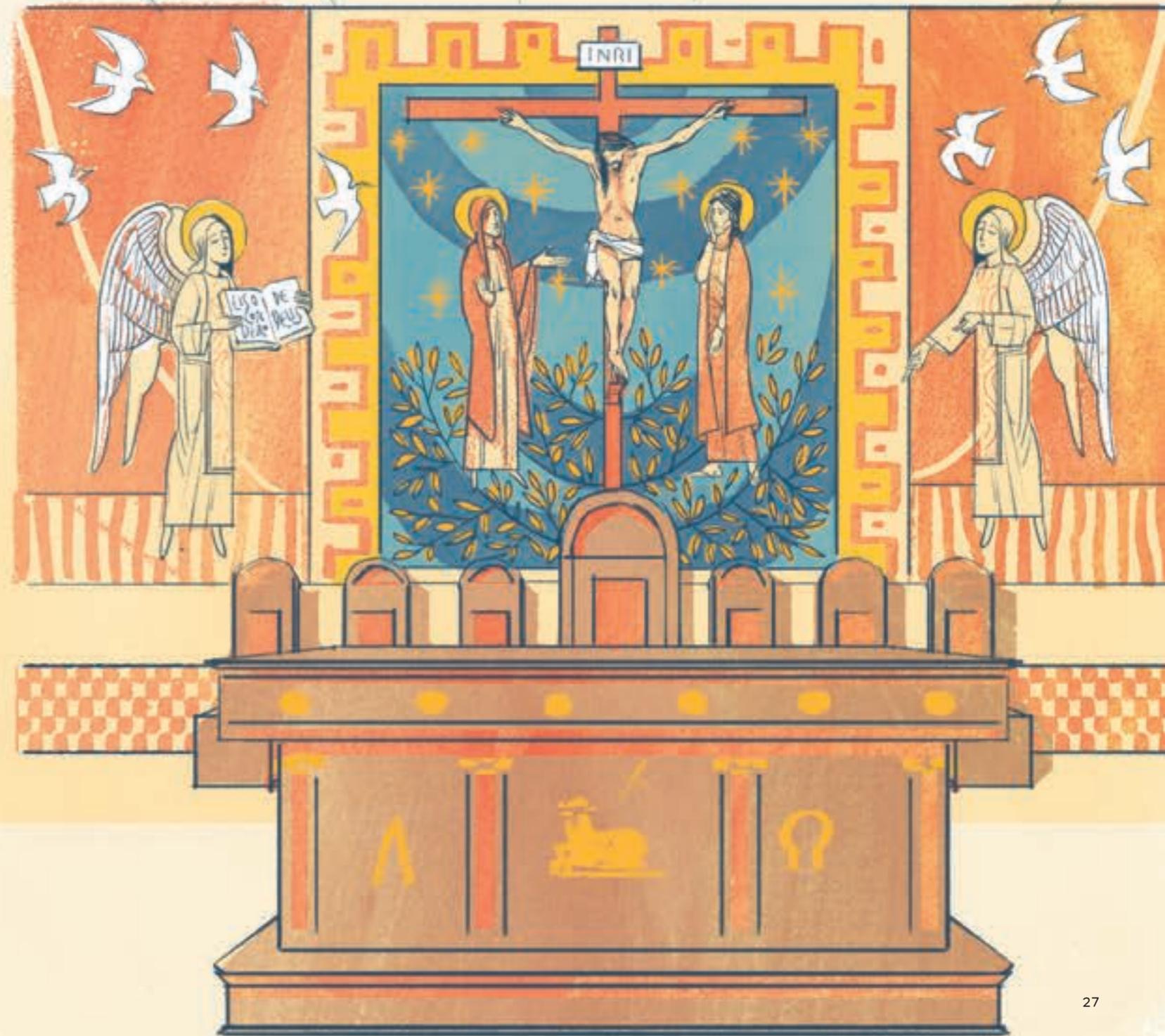
No livro do batismo aparece o nome das pessoas que foram batizadas na igreja, com o ano, o dia e o mês. No começo, as pessoas escreviam "baptizados" e não "batizados". Essa forma de escrever é porque esse é um português antigo, filho do latim, onde era escrito "baptizatus".

Anna Luisa do Carmo Simião, 5º ano A



Qual é o hino do sino?
É um som afinado,
ele é encantado,
foi fixado na igreja,
é muito pesado, e
é assim que termina
esse poema engraçado...

Criação coletiva, 5º ano A



O passeio na Igreja Matriz foi muito interessante, eu aprendi que não podemos mexer nas coisas importantes. Achei muito curioso o anjo com os dedinhos separados.

Yasmim Vitória Amorim Mendonça, 5º ano B

Amei as pinturas nas janelas, e algumas imagens fazem um V com os dedos, nunca tinha visto.

Julia Emanuelle Batista Cardoso, 5º ano B

Achei interessante que todas as janelas têm pinturas nos vidros.

Melissa Inácio Filgueira, 5º ano B

No início da colonização da cidade, a igreja era bem pequena e agora é bem grande. Guarda em seus registros muitos documentos que compõem sua história.

Essa igreja era a igreja dos escravos, e esse morro é chamado de morro de São Gonçalo.

Ícaro Ribeiro Barbosa, 5º ano B

Era uma pequena capela e com o passar do tempo passou por reformas até chegar a como está hoje.

Kayky Silva Maciel, 5º ano B



FESTAS

Reunir os estudantes e os professores das escolas participantes é uma das atividades do projeto *A Cidade da Gente*. Depois de tanto tempo de isolamento social, fizemos na sala de aula um encontro de muitas rimas, com a contribuição criativa de todos os alunos de 6º ano dos professores Wéllyka e Renato, da Escola Adalberto Francisca dos Santos. Foi assim que este poema sobre a Folia de Crixás foi feito, com folia e poesia!

Folia de Crixás

Tem muita cantoria
envolve tradição
e muita fantasia
tem gastronomia
um arroz com nome de Maria
mas é feito pelas tias!
Criação coletiva, 6º ano



No dia 1º de junho acontece a saída das folias, já com o almoço pronto para ser servido. Os alferes e os foliões vêm chegando, todos muito bem-vestidos. Cada alferes com seus componentes. Após o agradecimento da mesa, eles se dirigem à igreja, onde vão fazer os rituais da despedida.

Eram três folias que existiam em Crixás. E cada uma seguia para sua devida região: a folia de São Patrício seguia para o sul de Crixás, e a do sertão seguia para o norte de Crixás, para o lado da cidade de Santa Rita.

Carlos Gabriel Seabra, 6º ano



Em Crixás, temos a folia de Santa Rita e a folia do Divino Espírito Santo, e a festa do Divino está presente em Crixás há mais de 150 anos. A folia do Espírito Santo gira somente dentro do município, variando de treze a quinze dias. A saída é no segundo sábado do mês de junho e a entrega é na última sexta-feira do mês. Durante os festejos, danças e coreografias são apresentadas nas casas visitadas.

Os ritmos tocados são batuque, ponto, catira, roda inteira, chorada, veadeira. Essas danças também são apresentadas após a janta de entrega das folias.

As comidas da folia são muito gostosas. No almoço e na janta é servido a todas as pessoas ali presentes um dos pratos típicos, a carne-de-sol com arroz "Maria Zabé", como é conhecido.

Amanda Vitoria Bernades, 6º ano



As cavalhadas em Crixás

As crianças descobriram que as cavalhadas de Crixás enriquecem o folclore e a cultura do município, e que o ápice de sua realização eram as festas no salão da Casa-Grande.

Depois da queda da Casa-Grande, após algum tempo, graças a esforços feitos por famílias tradicionais, essas expressões fundamentais da cultura crixense foram resgatadas. Nosso livro vai contar nas próximas páginas sobre essa riqueza do nosso patrimônio.

Cavalhadas

Em Crixás, as Cavalhadas são uma grande festa
Que, com história e fantasias,
Nos trazem muitas alegrias
Um evento carregado de nostalgia e reflexão
Mas que através dos palhaços
Oferece brincadeiras de montão
Na cavalhada tem desfile de gente bonita
Trazendo sentimentos que aquecem o coração,
Encena comportamentos de fé e espiritualidade
Vivida por mouros e cristãos
Que de capas coloridas
Dá um aspecto mágico na apresentação
Dando vida a um enredo
Que nos enche de emoção.

Maria Geovanna Moreira de Souza, 6º ano

A cavalhada é de origem portuguesa e chegou ao Brasil trazida pelos padres jesuítas, que foram grandes colonizadores culturais de nosso país. Essa festa chegou a Crixás em 1900. Prudêncio Ferreira foi o responsável por trazê-la, e também foi um dos participantes dela.

As cavalhadas são a representação teatral da luta entre mouros e cristãos. Nessa encenação de batalha, doze cavaleiros de azul e doze de vermelho travam uma luta, com belos trajes de época.

Aqui em Crixás dizem que ela tem duração de duas tardes. Cada lugar tem sua tradição, por isso há diferenças entre essa disputa, dependendo do lugar em que esse evento é feito.

Em nossa cidade essa festa sempre foi um momento de lazer da família crixense, mas hoje são poucos os que participam dessa tradição. Aqui esse tradicional evento acontece em junho, ocasião em que um grande grupo de pessoas se reúne com o objetivo de assistir a essa festa que ocorre no Cavahódromo, que é o local específico para esse evento.

Jayane Carvalho da Silva, 6º ano



ESCOLA TALENTOS DE OURO

Os alunos da professora Íris criaram vários acrósticos que viraram excelentes poemas sobre outra escola de Crixás: a Talentos de Ouro, que descobre tanta gente talentosa na nossa cidade através da música, da pintura, da arte e do artesanato.

Música a gente escuta para distrair
Usa para se divertir
Sinto mais feliz quando a escuto
Indico para muitas pessoas
Cada dia mais escuto, mas eu amo
Amor de música.
Criação coletiva, 6º ano

Música é como colo, é
Utilizada para unir casais e para
Sabedoria das músicas culturais e
Isso é importante para a aprendizagem,
Cada cultura tem uma música, uma ou mais,
A cultura é importante para se comunicar com
Pessoas de outras regiões.
Criação coletiva, 6º ano

Pintura é desenho e
Inspirações da arte,
Nada se compara à arte.
Tudo é belo com a arte
Uma emoção para
Raridade das artes
Artistas são inspirações.
Criação coletiva, 6º ano

Pintura tem que usar criatividade,
Interagir com as tintas
No quadro branco
Tem que usar pincéis,
Utilizar tintas e um pouco de criatividade
Reutilizar tintas é bom para o
Ambiente e ajuda a terra.
Criação coletiva, 6º ano

As artistas do Projeto Expoarte fazem várias exposições que exibem a produção artística realizada durante as aulas. Essas ações fazem com que a arte faça parte do cotidiano da nossa comunidade, resgatando nossa cultura e ampliando o público admirador da arte.

Os alunos da Escola de Música Talentos de Ouro também fazem, todo ano, recitais de música que são momentos emocionantes. Neles, os alunos apresentam para a comunidade a evolução do que aprendem na escola.

Desde sua fundação em 2013, o Talentos de Ouro já atendeu milhares de crianças, tornando acessíveis os benefícios da educação musical, que faz grande diferença na vida dos alunos atendidos pelo projeto.

Os alunos da professora Íris Xavier entrevistaram a artista plástica Joyce Espínola Ferreira Tavares, que criou essa escola.

Joyce iniciou as primeiras pinceladas aos 10 anos de idade com a mãe e desde então percorreu os caminhos da arte pintando em vidro, tecidos e madeira. Foi em 2005 que começou a pintar na técnica de óleo sobre tela, em cursos livres no Centro Cultural de Crixás.



**Qual é o nome da artista da Escola Talentos de Ouro?
Quais formações ela tem? Justifique.**

Joyce Espínola Ferreira Tavares. Formação em Música, Administração de Empresas e Pedagogia. Pós-graduada em Arteterapia, Neurociências, Musicoterapia, "Nu Ancias", Gestão de Equipes e Lideranças.

Quando você se interessou pela arte?

Desde criança.

Você se sente realizada como artista?

Sim.

Quando você se sente uma artista?

Quando faço pinturas.

Vou pintar, com alegria
O amor em toda parte

Vou pintar a poesia
com as cores de minha arte.

E sempre nasce alguém para
Um novo quadro pintar
O pintor pode até
Morrer mas a sua arte
Vai ficar no coração...

Sarah Gabrielly Alves Ferreira, 6º ano



GENTE DA CIDADE

Historiadora Maria Madalena escreve sobre história de Crixás

Maria Madalena, conhecida como Tia Lena, que é mineira mas se apaixonou por Crixás, contou sobre sua vida aos professores Renato e Wéllyka e seus alunos. Na entrevista, feita durante a pandemia de Covid-19, eles quiseram saber a trajetória completa relacionada às suas contribuições ao município como professora e historiadora.



Tia Lena, qual é o nome do seu livro?

Crixás nossa terra, nossa gente. Vocês podem olhar porque lá tem muita história daqui da cidade de vocês. Cheguei a Crixás em 1961, pras festas do Guarinos. Conheci um crixense montado em um burrão, me encantei e com quatro meses eu já estava casada com ele. Então fui pra fazenda, esta fazenda eu poderia chamar de deserto, só tinha a residência, os vizinhos, tinha duas léguas de distâncias. Lá eu cheguei com meu marido, ele fez um rancho e nós moramos. Com mais de um ano de casados, veio a minha primeira filha, que veio a falecer. Tivemos quatro filhos e eu que alfabetizei eles, na escolinha da fazenda. E assim comecei minha carreira como professora.

Fiz um concurso do estado e passei em primeiro lugar na regional de Ceres. Como professora, o meu sonho era escrever um livro, então resolvi fazer faculdade de História.

As irmãs doceiras Eula, Eulâmpia e Maria

Quem se lembra de um pirulito meio avermelhado que era vendido na frente das escolas são as professoras de Crixás, que eram crianças quando as três irmãs doceiras Eula, Eulâmpia e Maria faziam esse doce de grande sucesso na cidade.

Na entrevista feita na casa delas, a Eula contou sobre o pirulito, que precisava ficar no ponto de puxadinho ou puxa e era feito de calda de açúcar, caldo de limão. Virava uma calda que era colocada na forma de madeira ou na moderna forma de folha de estanho.



Com a agitação na cidade na época do garimpo, elas também vendiam seus doces em casa ou na estrada. Só de pirulitos eram duzentos por dia, além de outros doces, como o de laranja, limão, bolo de velho, doce de leite, doce de fiós da Festa do Divino, rapadura que derretia na boca...

Os estudantes fizeram um poema sobre o famoso pirulito que de tão bonito ficou muito saboroso! Vejam só:



O Ítalo comprou um pirulito
todo grudado no palito
ele era avermelhado
e muito bonito
que foi feito pela tia Eula
com sabores infinitos
e quem comia até dava um grito!

CULINÁRIA DO CERRADO

As professoras Luzia e Rosilane, da Escola Professora Delmira Machado, incentivaram os alunos a escreverem um texto coletivo sobre um fruto que é ouro na mesa goiana. Que tal uma adivinha para sabermos qual fruto é esse? O que é, o que é? Para ficar bem saboroso, só pode ser colhido no chão. É patrimônio da cultura de Goiás e toda casa goiana tem esse fruto guardado no congelador para comer o ano todo. Já adivinhou que fruto é esse?

É o pequi, que em Crixás é estrela amarelinha no chão e no céu da boca!



Em Crixás, o pequi tem a sua maior produção do estado de Goiás, e durante dois meses o fruto significa renda extra para as famílias da região. Ele tem cheiro e sabor muito fortes, e dizem por aqui que ou você se apaixona por ele ou não quer nem chegar perto.

Diversos pratos são inventados por quem é apaixonado por pequi e em Crixás tem até festival só para ele, o Festival Cultural do Pequi, que acontece em outubro para comemorar o aniversário da cidade. A galinhada é o prato mais apreciado. Mas tome cuidado se você é desavisado, porque o pequi tem que ser saboreado com muita delicadeza para que os espinhos não fiquem grudados na boca e você não sinta uma dor louca! Agora que já sabemos dos cuidados, vamos conhecer a galinhada?

Crixás, conhecida como terra do ouro, também traz grande riqueza em sua culinária, regada de muito sabor ao longo dos anos.

Nossa cidade também conhecida como “terra do pequi”, fruto de sabor marcante presente em muitas receitas típicas.

Dentre tantas receitas que tem o pequi como principal ingrediente, saboreamos hoje a Galinhada com pequi.

Galinhada

Arroz, frango e pequi
é o que eu tenho aqui
para fazer uma galinhada
que vai ser cozinhada
temperada e vai toda
para uma grande panelada.
E depois o que aconteceu?
Minha barriga ficou tão cheia
que nem sobrou nada
para guardar na geladeira...

Poema coletivo



Hoje foi um dia especial, pois foi preparado pelas professoras esse prato delicioso, que todos nós pudemos degustar. Todos nós pudemos ver o passo a passo do preparo dessa comida que faz parte da nossa cultura. Para nós foi uma aula gratificante e saborosa.

Mas não podemos nos esquecer de diversos outros pratos tradicionais da cidade, como o bolo de arroz na palha de bananeira, empadão goiano, pé de moleque, “maria zabé”, arroz com carne de sol, entre outros. Temos muito orgulho de conhecer nossa cultura e temos a certeza de que iremos continuar transmitindo o que aprendemos ao longo da nossa vida.

Texto coletivo, 5º ano A

Pequi

Crixás, localizada no interior de Goiás
Ao longo de tantos anos de história
Muita cultura nos traz
Música, dança, festas e culinária
O bolo de arroz na folha de bananeira,
O sabor marcante do pequi,
Pé de moleque, empadão goiano,
Pamonha e tudo que há por aqui.
Dentre tantas gostosuras
Fizemos hoje a galinhada com pequi
Onde todos pudemos saborear
Ela deliciosa formosura
Paçoca de carne-seca, rapadura.
Guariroba ou gueroba, como preferir
São comidas espalhadas em todo lugar
que você não pode deixar de saborear.

Texto coletivo, 5º ano B



Chica Doida

Quem mora em Crixás sabe que outra comida famosa que dá água na boca é a Chica Doida. Essa comida bem típica daqui é feita de milho e parece uma pamonha mais molinha e bem temperadinha com sal, pimenta, coentro, cebola, bacon, muçarela e linguiça. Uma delícia!

A receita quem deu foi a Alba Mascarenhas, que é Diretora de Cultura, e o poema em homenagem a esse prato crixense quem fez foram os alunos.

Com três espigas de milho
fui fazer a Chica Doida para o Emílio.
Batida no liquidificador
tudo foi colocado com amor.
Eu estava com um pouco de preguiça
para cortar o bacon e a linguiça
mas não esqueci da muçarela
que deixa a Chica mais bela.
Pimenta-do-reino é um tempero muito gostoso
que deixa esse prato maravilhoso!

Poema coletivo



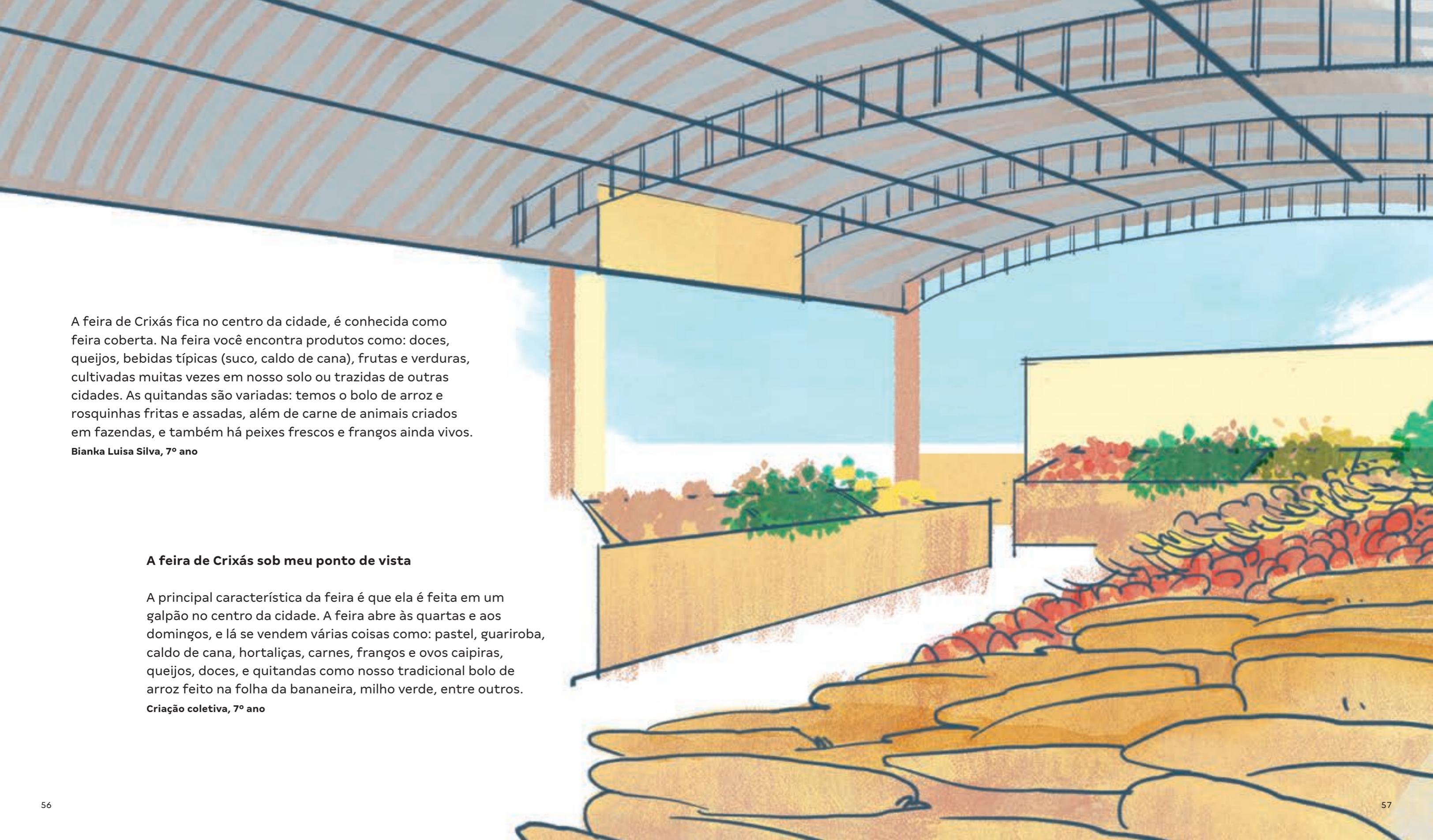
FEIRA DOS PRODUTORES RURAIS

Os alunos da Escola Municipal Adalberto Francisca dos Santos fizeram também uma pesquisa sobre a feira dos produtores rurais de Crixás. E fica o aviso: se você está com fome, é melhor deixar para ler este capítulo em outro momento, porque é muita coisa deliciosa que vendem por lá! Queijos, bolos, quitandas... Sem contar verduras, frutas e legumes fresquinhos!

A feira dos produtores rurais é uma feira popular da cidade de Crixás, onde vários produtores da região vendem produtos de suas fazendas, como pudim, pastel, pão de queijo, carne, batata, bolos, tomate, batata-doce, cenoura, maçã, abacaxi, mandioca e temperos. A maioria dos legumes e frutas é da região e é cultivada sem agrotóxico, ou seja, é mais saudável do que aqueles comprados em mercados.

Júlia Xavier, 7º ano



An illustration of a covered market stall. The stall has a curved roof supported by wooden pillars. Inside, there are several wooden stalls filled with various produce, including red tomatoes, green leafy vegetables, and yellow bananas. A walkway with a metal railing runs along the side of the stall. The background shows a blue sky with white clouds.

A feira de Crixás fica no centro da cidade, é conhecida como feira coberta. Na feira você encontra produtos como: doces, queijos, bebidas típicas (suco, caldo de cana), frutas e verduras, cultivadas muitas vezes em nosso solo ou trazidas de outras cidades. As quitandas são variadas: temos o bolo de arroz e rosquinhas fritas e assadas, além de carne de animais criados em fazendas, e também há peixes frescos e frangos ainda vivos.

Bianka Luisa Silva, 7º ano

A feira de Crixás sob meu ponto de vista

A principal característica da feira é que ela é feita em um galpão no centro da cidade. A feira abre às quartas e aos domingos, e lá se vendem várias coisas como: pastel, guariroba, caldo de cana, hortaliças, carnes, frangos e ovos caipiras, queijos, doces, e quitandas como nosso tradicional bolo de arroz feito na folha da bananeira, milho verde, entre outros.

Criação coletiva, 7º ano

As famílias crixaenses costumam frequentar a feira para comprar alimentos frescos e de boa qualidade. Elas priorizam produtos locais, o que fortalece o vínculo entre produtores e compradores. A feira é ainda um local de lazer e encontro de famílias, um lugar que exalta nossa cultura crixaense.

Quando compramos os produtos em nossa feira valorizamos o produtor rural e a nossa cidade, pois ajudamos a desenvolver a economia local. Assim quem mora no campo tem seu sustento garantido, sem precisar migrar para a cidade, e a nossa população desfruta de produtos mais saudáveis, portanto todos saem ganhando.

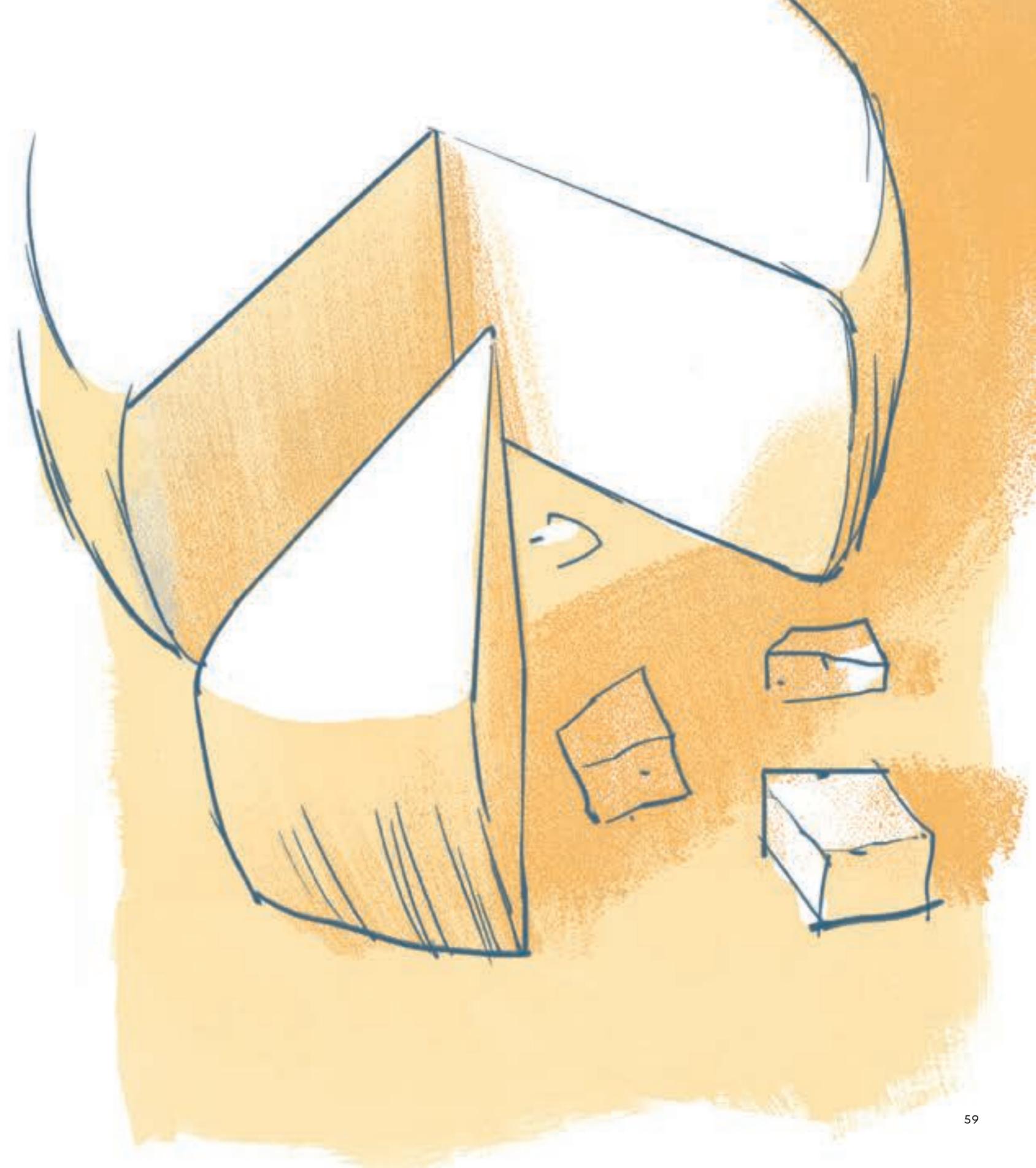
Davi Cipriano, 7º ano

Queijo goiano

Em minha família houve feirantes que trabalhavam e tiravam seu sustento com a produção de queijos. Minhas tias vendiam e produziam queijo, requeijão, farinha, cuscuz e outros produtos vendidos na feira de Crixás.

O nosso queijo se assemelha ao queijo de minas, mas cada pessoa o produz a seu modo. Nosso queijo tem muita qualidade e podemos encontrar várias variedades como o artesanal, o “normal” (queijo branco fresquinho), que é ótimo para tomar café e comer com doce de leite e goiabada. Tem o temperado com ervas e temperinhos, o curado que é vendido também ralado (utilizado para fazer bolos e colocar na macarronada). E por último o queijo com formato “bolinha” que dá até para assar nos churrascos nos fins de semana.

Júlia Xavier, 7º ano



Receita de queijo da vovó

Para fazer queijo, você vai precisar dos seguintes ingredientes:

- 10 litros de leite
- 1 colher (sopa) de coalho para queijo (10 ml)
- 1/2 colher (chá) de sal



Modo de preparo:

1. Junte os ingredientes e misture por 1 minuto.
2. Cubra com um pano e deixe em repouso por 1 hora com uma colher de pau.
3. Quebre a coalhada que se formou e deixe em repouso por mais 30 minutos.
4. Transfira somente a parte sólida para uma peneira forrada com um pano de prato e esprema bem para retirar o soro.

Pronto! Assim é feita a receita de queijo da minha avó.

Bianka Luisa Silva, 7º ano



O BERRANTE

O município de Crixás faz parte da Região da Estrada do Boi, cortada pela rodovia GO-164, no vale do rio Araguaia, uma das maiores regiões de concentração e criação de rebanho bovino do mundo. Imagine então o que deve ter de berrante por aqui!

O berrante é uma espécie de buzina usada desde a antiguidade por pastores. A prática foi inserida pelo tropeirismo no Brasil colônia e atualmente é mantida por vaqueiros para chamar o gado no campo ou no transporte por intermédio das comitivas.

É um instrumento muito eficaz na orientação, no alarme e no comando, e consiste num chifre longo em que a ponta é cortada para se soprar (bocal do berrante), com um orifício no meio. Depende desse furo o equilíbrio, o acerto e a afinação do som.

O aluno Davi Cipriano, da professora Wéllyka, da Escola Adalberto Francisca dos Santos, escreveu sobre o berrante e disse assim:

A produção de berrante ainda hoje é artesanal, fabricado por artesãos espalhados por todo o Brasil. A produção do instrumento enfrenta com o passar do tempo várias dificuldades relacionadas à obtenção da matéria-prima, o “chifre” do boi. Os tropeiros inventaram mais de 85 tipos de toques e repiques para o instrumento. Os toques principais que todo tocador deve saber são:

- toque de saída;
- repicado;
- solta;
- estradão;
- queima de alho;
- rebatedouro;
- floreio.

Davi Cipriano, 7º ano





O Davi acabou deixando todo mundo curioso com esses nomes tão diferentes! Vamos descobrir o que cada um desses toques de berrante significam?

Toque de saída: usado para a arrumação e a saída da tropa.

Repicado: é uma forma de tocar o berrante em que o som sai em pequenas pausas.

Solta: usado para despertar a boiada de manhã.

Estradão: usado para acelerar a tropa depois de um longo período de viagem. (O som desse toque agrada muito a boiada.)

Queima de alho: hora do almoço (boia).

Rebatedouro: situação de perigo.

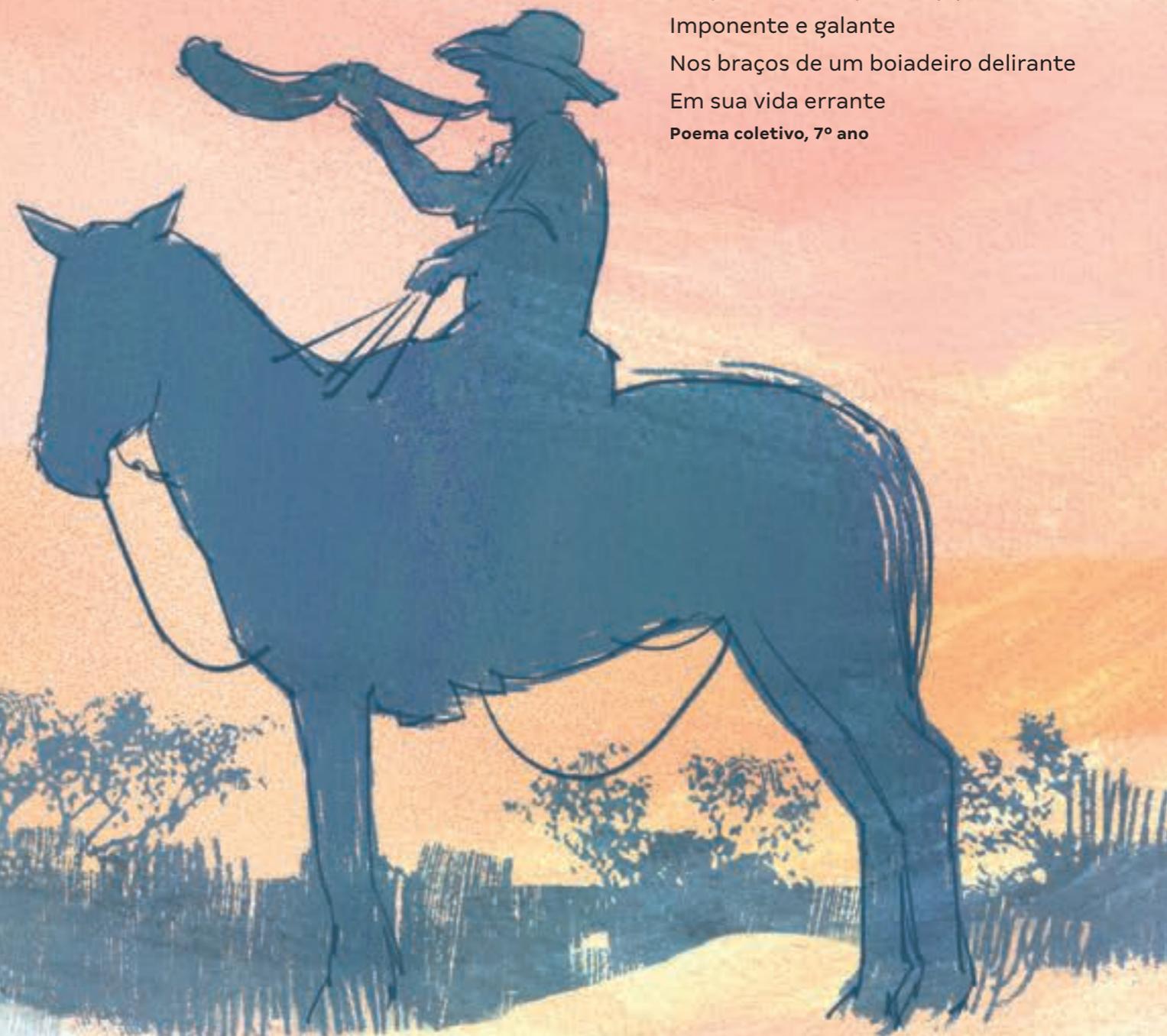
Floreio: toque livre de todo berranteiro, podendo ser uma música.

O berrante bem tocado é contagiante e pode ser ouvido a três quilômetros de distância, acredita? No Brasil, um tocador de berrante é chamado de berranteiro ou berranteira.

Esse instrumento provavelmente foi trazido por escravizados negros que vieram do continente africano durante o período de colonização.

Muitas músicas brasileiras utilizam o instrumento, e os cantores Tônico e Tinoco talvez tenham sido os grandes divulgadores do berrante. Também aparece em títulos de canções de muitos famosos, como Sérgio Reis e Chitãozinho & Xororó. E claro, em telenovelas que passam e passaram nas televisões do Brasil, como *Ana Raio* e *Zé Trovão*, *Pantanal* e *O rei do gado*.

Era uma vez um berrante
Era muito elegante
Brilhante feito um diamante
Tocava delirante
Despertava uma paixão gigante
Imponente e galante
Nos braços de um boiadeiro delirante
Em sua vida errante
Poema coletivo, 7º ano



CERRADO

Falar do patrimônio ambiental de Crixás é falar também do cerrado, bioma de nossa região. Pois o cerrado está dentro e fora da cidade. E dentro do coração de todos os goianos. A investigação da escola trouxe muitas informações interessantes. Crixás tem muitas árvores que ajudam a refrescar a temperatura daqui, que pode ficar bem alta. Uma dessas árvores é o murici, com seus quatro metros de altura e frutos com sabor agridoce, que viram deliciosos sorvetes e doces. Um deles fica dentro da escola.

E bem ao lado do murici, na escola, está um baru, árvore de madeira avermelhada ou amarelada, acetinada e brilhante, que é quase uma farmácia natural, pois suas sementes são supernutritivas e possuem muitos benefícios para nossa saúde, como o controle das taxas de colesterol.

Os professores Ricardo e Kédma, da Escola Municipal Izabel Miranda, uniram suas turmas para escrever sobre o patrimônio ambiental da cidade de Crixás e veja só que belos textos e poemas os alunos fizeram:





Ao lado da minha escola, próximo à quadra, tem um baruzeiro centenário. Diz meu professor que até ele em suas sombras na infância descansou. Temos a quadra de esporte, relata papai que é do tempo dele, hoje mesmo velhinha devemos cuidar, para que possam nela as futuras gerações brincar. Como não falar do parquinho que mesmo antes de nascer ouvi falar que nele brincavam diretores, professores, e que estudavam muito, fizeram por merecer. Até hoje usamos o parquinho. Dizem meus pais que ao lado dele morou uma ilustre professora chamada Eleuza Ferreira Marques, que a muitos aqui em Crixás ensinou, e por esse parquinho brincaram até doutor, meu Crixás encantador, como amo ser crixense, feliz aqui estou.

Texto coletivo, 5º ano

O Cerrado de minha cidade Crixás é um pedacinho do Brasil, onde tem árvores com troncos tortuosos, arbustos, gramíneas, uma rica savana, uma grande área de bacia hidrográfica. E se a água é um patrimônio natural deste planeta, o Cerrado é uma imensa caixa-d'água subterrânea do Brasil. Por isso, dá para perceber que mesmo em tempos secos os pés de pequi, jatobá, murici, caju permanecem verdinhos e ainda produzem muitos frutos.

Texto coletivo, 5º ano

Aqui tem ipê-amarelo, ipê-roxo, ipê-branco, ipê-vermelho, ipê-azul, ipê-verde, o pequizeiro que é uma beleza quando dá seu fruto e se fazem doces além de um saboroso prato com arroz. O cerrado é a casa do jabuti, da anta, do veado, da paca, da onça-pintada, da cobra cascavel, da coral, da sucuri, do luís cacheiro, do catitu, da arara, do periquito, do tucano, da queixada, das emas e das seriemas.

Texto coletivo, 5º ano

Dentre os mamíferos mais conhecidos de nosso cerrado, além do lobo-guará, há veado-mateiro, raposa-do-campo, gato-do-mato. Aqui é um paraíso, temos o verde do capim, que se estende, parece um mar verde sem fim, os animais e os pássaros adoram, e deles se alimentam sim.

Texto coletivo, 5º ano



O cerrado abriga mamíferos, aves, répteis, anfíbios e peixes. Alguns animais, como capivara e grandes roedores, se alimentam de vegetais, capins e ervas. Temos o tamanduá-bandeira, muito conhecido pela sua espécie, ama andar de noite e se alimenta de insetos; temos também a arara-azul, que gosta de se alimentar de frutas e sementes.

Texto coletivo, 5º ano



Os alunos também fizeram um texto sobre as riquezas presentes no dia a dia dos moradores: seus próprios professores, as festas que acontecem aqui, o afeto que todos têm pelas árvores e pelos espaços de convivência. Tudo isso faz parte do patrimônio imaterial, ambiental e material da cidade.

Crixás, cidade rica e hospitaleira e muito boa de morar, por isso, meus amigos dessa cidade, antes de falar do nosso cerrado, vou lhes contar, como é bela minha Crixás, tem pessoas de montão, professores educados que nos ensinam com muita dedicação, ah tem festas que são tradição, nossas praças preciosas, merecem toda atenção, pés de frutas típicas tem aqui, como esquecer do baru e do murici

Texto coletivo, 5º ano.



Meu cerrado

Aqui é Crixás, terra da paz
Do ouro de verde plantação
Um cerrado riquíssimo
Que em outro lugar
Não tem não!

Cerrado crixaense
De belas árvores e animais
Toda espécie, desde a onça
Você terá sinal.

As araras periquitos papagaios,
Até pequi, essa terra tão bonita
Tudo isso tem aqui!
Criação coletiva, 5º ano

No cerrado de Goiás

Tem lobo-guará, tem tatu, tem arara
Tem canarinho, gato-do-mato, papagaio.
Tem anta, cobra, e tem até maracujá,
Caju, pequi por demais, esses nem posso
Deixar de mencionar,
No cerrado de Crixás,
Se produz vários frutos dentre eles o saboroso caju,
Jatobá e murici, que beleza de lugar!
Criação coletiva, 5º ano

A fauna de Crixás

Quanto bicho minha gente!
Agora vou lhes contar
No cerrado de Crixás
Procuram e vão achar.

Tem a onça, jaguatirica.
Tem um tal de tatu
Bicho grande e pequeno
Tem até o urubu.

As araras lá no céu
Sempre estão a passear
Pensa que não tem periquito
O papagaio vai lhe falar.
Criação coletiva, 5º ano

Amo o cerrado

O cerrado é um lugar
Muito lindo!
Lá é possível encontrar
Animais... frutas como cagaita, marmelada...
Quantos animais, no nosso cerrado de Crixás,
jaguatirica, raposa, cotia, tamanduá-bandeira,
arara-azul e também lobo-guará.
Criação coletiva, 5º ano

Cerrado, que beleza!

Oh cerrado! Que lindo!

Você tem animais...

Arara, tatu, papagaio, onça

Cobra, pica-pau, tucano, jacaré

Lobo, veado, cagaita, marmelada

Puçá, buriti, coco macaúba, pequi,

Essas são as delícias daqui!

Poema coletivo, 5º ano



Edição: Otavio Nazareth
Pesquisa, texto e edição da produção dos estudantes: José Santos e Selma Maria
Projeto gráfico: Daniel Brito
Assistente de design: Geovana Martinez
Ilustrações: Olavo Costa
Revisão: Fernanda Alvares
Produção editorial: Paloma Comparato
Produção gráfica: Marina Ambrasas
Agradecimento: Patrícia Canaverde Bessa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha elaborada segundo a AACR2r

S237c

Maria, Selma.

Crixás : a cidade da gente / organização José Santos e Selma
Maria ; ilustrações Olavo Costa — São Paulo : Olhares, 2022. 80 p. : il.
color. ; 25 cm.

ISBN 978-65-88280-66-9

1. Literatura infanto-juvenil. 2. Escolas. 3. Patrimônio cultural
4. Crixás. 5. Natureza. 6. Cidades. I. Maria, Selma. II. Costa, Olavo. IV.
Título.

CDD 028.5
CDU 82-93

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Renata Fernandes
Veloso Baralle — CRB-8/10366



realização

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
TURISMO



© 2022 Editora Olhares e autores.

Este livro foi impresso pela gráfica Margraf sobre
papel offset 120g em dezembro de 2022.

CRÉDITO DOS ALUNOS E PROFESSORES PARTICIPANTES

Prefeito Carlos Seixo Brito Júnior	EM Professora Delmira Machado
Vice-Prefeito Thiago de Oliveira Dietz	Diretora Hellen Keller Jula Dietz Fernandes
Secretária de Educação Eurivane Carvalho de Oliveira Lima	Coordenadora Alessandra Aparecida Ramos de Souza Rosa
Coordenadora Geral de Educação Eliane Rodrigues Reis	Secretaria Juzane Xavier de Noronha
Coordenadora da Educação Infantil e Inclusão Maria Regina de Lima Gonçalves	5º ano A
Coordenadora Geral do Ensino Fundamental Clene da Conceição Reis de Souza Silva	Professora Rosilane Almeida do Nascimento
	Ana Karolyne Oliveira Silva Anna Luisa do Carmo Simião Bruna Karla Sales Silva Carolina Santos Amaral Eriky Rodrigues da Silva de Paula Ingrid Kauane de Sousa Costa João Felipe Bernado Silva João Victor Lemos de Melo Kícylla Souza Oliveira Maria Klara Farias Guerra de Lima Maria Luiza Rodrigues de Jesus Nicoly Alves de Camargo Bueno Pedro Henrique Batista Rodrigues Pedro Henrique Silva Oliveira Ruan Guilherme dos Santos Damacena Sophia Soares Faustino Marçal Vitor Manoel Siqueira Correia Lima Yhasmim Kristhinny Dias Ferreira Machado Yasmim Araújo Rodrigues
	5º ano B
	Professora Luzia Joaquina Vilela Lobato
	Andrey da Silva Alves Emanuelly Loize de Araujo Matos Eric Gabriel Sene Diniz Icaro Ribeiro Barbosa Ikaro Xavier de Oliveira João Guilherme Fernandes de Souza João Lucas Costa Damasceno Julia Emanuelle Batista Cardoso Kayky Silva Maciel Lucas Gabriel Maia da Cunha Luiz Fernando José Santos Marques Maria Eduarda Meireles de Lima Melissa Inácio Filgueira Vitor Henrique Durães Fagundes Yasmim Vitória Amorim Mendonça Yhury Oliveira Lopes da Silva Nicolas Henrique Alves de Oliveira Samuel Rodrigues Macedo

EM Adalberta Francisca dos Santos	EM Isabel Miranda
Diretora Raquel Neves Vitor de Lima	Diretora Maria Salete Duarte da Silveira
Coordenadoras Maria Alice Gomes Oliveira Xavier Danyella Rodrigues Machado	Coordenadora Elizeth Costa Gomes
Secretária Alini Rodrigues Marques	Secretária Josélia Maciel da Luz
Professores Renato Rodrigues Ferreira Wéllyka Antônio de Castro	5º Ano A
6º ano	Professor Ricardo Moraes de Oliveira
Amanda Vitória Bernardes Souza Ana Luísa de Souza Rocha Ana Paula Pereira Carlos Gabriel Seabra Antunes Davi Onofre de Andrade Iasmim Biângulo Sousa Jayanne Carvalho da Silva José Manoel Maciel Pereira Karolayne Silva Batista Kauã Andrade Costa Maria Geovanna Moreira de Souza Ytalo Gabriel Pereira de Olivera David Almeida Lima de Araújo Ruan Pamponet de Oliveira Evandro de Assis Marques	Alexandre Pereira de Carvalho Arthur Henrique Marques Peris Douglas Mikael Marques de Souza Emily Carolina de Moura Sousa Jhuly Ferreira Antunes Luciano Corrêa de Oliveira Maria Eduarda Ferreira Borges Muryllo Fernandes da Silva Nicholas Israel Cardoso Novais Ramom Marley Jesus Rodrigues Sâmly Castro Barbosa Vitória Nunes
7º ano	5º Ano B
Bianka Luisa Silva Brenda Mariana Moura Ávila Davi Cipriano da Silva Donnara Cavalcante Pires Erly Monique Seabra Antunes Heverton da Silva Santos Jhernnefer Abrão dos Santos Letícia Nascimento de Souza Clarisse Natiely Silva Nunes	Professora Kédma Ana de Brito
	Alyce Rocha Mendes Ana Beatriz Pereira da Silva Emanoella Carneiro de Oliveira Felipe Neres de Lima Gustavo do Carmo Silva Hemanuely Kamilly Amaral Ramos Jefferson Araújo João Victor Abrão dos Santos Alves Júlio César Gonçalves de Souza Karlos Rafael Alves Gundim Luan Sérgio Nunes Marques Filho Isabella Vitória Ferreira de Souza João Vivtor Alves Gomes Pedro Lucas Almeida Neves

6º Ano
Professora Iris de Lima Xavier de Oliveira
Arthur Mendes de Rezende Davi Sampaio Rodrigues Emanuel Felype Meireles Almeida Erick Ribeiro Fraça Erick Vinicius Silva de Souza Heloiza Lopes Pereira João Kaike Ferreira Borges Luiz Henrique do Carmo Damaceno Maria Eduarda Ferreira Bolentini de Souza Rafael Correia Maia Sarah Gabrielly Alves Ferreira Vitória Gabriella Ferreira de Souza Nycolas Santos de Souza Kleberon Samuel Borges Oliveira Mickael Pereira de Carvalho
7º Ano
Professoras Iris de Lima Xavier de Oliveira Eliane Machado Xavier da Costa
Amilly Katyucy Cardoso Novais Augusto Teles Soares Borges Dheimys Gabriel Pereira da Silva Emmily Mendes de Rezende Ítalo Gabriel Martins da Silva Maíra Araújo Ferreira Samuel Silva Meireles Shara Gonçalves dos Anjos

Selma Maria

Escritora, arte-educadora, artista plástica, curadora de exposições e pesquisadora de brinquedos, Selma publicou 18 livros de prosa e poesia para crianças e jovens, com obras selecionadas em programas do Ministério da Educação e de Ongs que trabalham com incentivo à leitura. Este é o seu quinto livro na coleção A cidade da gente.

José Santos

Escritor de livros para o público de crianças e jovens, José publicou mais de 50 títulos de prosa e de poesia. Recebeu importantes prêmios, como o da Fundação Nacional do Livro Infantojuvenil e o Jabuti, e teve obras selecionadas em muitos programas do Ministério da Educação. Este é o seu décimo sexto livro na coleção A cidade da gente.

Olavo Costa

Quadrinista e ilustrador paulistano, adora desenhar desde criança. Formou-se em Artes Plásticas pela ECA-USP e, em mais de dez anos de carreira, ilustrou para revistas, jornais, álbuns de quadrinhos e dezenas de livros infantis e infanto-juvenis em parceria com escritores e artistas como Lourenço Mutarelli, Vincent Villari e Regiane Alves.

Conheça os alunos e
professores que são
coautores deste livro



Era uma vez Crixás. Um dia as crianças e adolescentes que moravam lá perceberam que a história da cidade era a sua própria história... O casario, a igreja matriz, as festas tradicionais, a culinária do cerrado, as expressões artísticas dos crixaenses e outros patrimônios fazem parte dessa história, contada pelos estudantes das escolas municipais da cidade.



ISBN 978-65-88280-66-9

